

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PAULA VICENTE MARCELINO

**ENTRE QUADROS E ENQUADRAMENTOS: A ESTEREOTIPIZAÇÃO DOCENTE
NAS TELAS DO CINEMA**

Uberlândia – MG

2021

PAULA VICENTE MARCELINO

**ENTRE QUADROS E ENQUADRAMENTOS: A ESTEREOTIPIZAÇÃO DOCENTE
NAS TELAS DO CINEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho

Uberlândia-MG

2021

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M314 Marcelino, Paula Vicente, 1996-

2021 Entre quadros e enquadramentos: a estereotipização docente nas telas do cinema [recurso eletrônico] / Paula Vicente Marcelino. - 2021.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.373>
Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Carvalho, Daniela Franco, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele Cristine

Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação			
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 11/2021/762, PPGED			
Data:	Doze de julho de dois mil e vinte e um	Hora de início:	[09:02]	Hora de encerramento:
Matrícula do Discente:	11912EDU038			
Nome do Discente:	PAULA VICENTE MARCELINO			
Título do Trabalho:	"ENTRE QUADROS E ENQUADRAMENTOS: A ESTEREOTIPIZAÇÃO DOCENTE NAS TELAS DO CINEMA"			
Área de concentração:	Educação			
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"CIÊNCIA NA ESCOLA E NO MUSEU: as obras de arte contemporânea como base para a argumentação e construção de conhecimentos"			

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós- graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Amanda Maurício Pereira Leite - UFT; Sandro Prado Santos - UFU e Daniela Franco Carvalho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Daniela Franco Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/07/2021, às 10:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AMANDA MAURICIO PEREIRA LEITE, Usuário Externo**, em 12/07/2021, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Prado Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/07/2021, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2896973** e o código CRC **0CF38E6D**.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à vida!

Em tempos pandêmicos pude descobrir que o valor da vida é muito além do que qualquer idealização. Eu poderia passar horas e horas escrevendo clichês sobre a vida ser uma caixinha de surpresas, o que não deixa de ser verdade, porém, não se faz mais necessário nesse momento.

Dedico à vida pois é ela que me proporciona todas as dores e as delícias de ser quem eu sou, de existir, resistir, rir, chorar, amar e sonhar!

Dedico à vida pois ela me proporciona encontros e afetos com dezenas de abraços-casas, onde me hospedo ou faço morada.

Dedico à vida pois ela, antes de me trazer até aqui, permitiu a passagem de meus ancestrais por esse chão e dessa passagem ficaram inúmeros aprendizados, saudades e nostalgia.

Dedico à vida pois ela me mostra diariamente que a passagem pode ser longa ou breve e que independente do tempo, há infinitas bonitezas para serem apreciadas, degustadas e internalizadas.

Dedico à vida em uma singela homenagem a todos que a perderam na pandemia. 500 mil vidas foram ceifadas, tantas mortes poderiam ser evitadas. Não são números, são saudades!

Dedico à vida, pois viver é um ato de resistência!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Vida por me proporcionar diversos desafios, bonitezas e aprendizado. Viver é um ato de resistência e sigo resistindo em meio a tropeços, erros, acertos, dores e amores.

Agradeço aos meus Ancestrais que passaram por essa terra antes de mim, que prepararam o ninho, que fizeram o acolhimento e que deixaram tanto a ser apreciado. Agradeço as minhas avós e em especial ao meu avô Guim, que segue sendo minha inspiração e âncora em meio as turbulências do oceano da passagem pela Terra.

Agradeço aos meus Pais que me deram a oportunidade de vir a este mundo e tanto dele conhecer. Vocês são minha base, meu ninho, meu lar de amor.

Agradeço ao meu Irmão, que veio do mesmo ventre de poder, alimentado do mesmo amor e que divide a vida comigo com tanto amor, cuidado, carinho e atenção. Eu te amo tanto que nenhuma palavra seria capaz de descrever todo esse amor! Você é luz, minha luz.

Agradeço aos meus Amigos, em especial a Nicole e o Youry, que estiveram comigo muitas vezes passando pelas mesmas tempestades e que me ajudaram a resistir e a chegar até aqui. Esse trabalho tem muito de vocês.

Agradeço aos Mestres que passaram por minha vida e deixaram marcas tão lindas e inspirações que fiz questão de guardar com tanto carinho e que a partir dessas inspirações colho frutos tão doces.

Agradeço a minha Orientadora querida, professora doutora Daniela Franco Carvalho, que me acompanhou desde a graduação em trocas tão singelas, pacientes e únicas, fazendo com que o caminho acadêmico fosse regado a afeto e bonitezas.

Agradeço as Professoras doutoras Lucia de Fátima Dinelli Estevinho e Amanda Maurício Pereira Leite por participarem da minha banca e contribuírem com dicas e ideias maravilhosas que acrescentaram muito em meu trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia por me proporcionar o aprofundamento nas ciências humanas, em um mundo que até então me era desconhecido e agradeço a todos que trabalham para que o programa continue vivo.

Por fim, agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

SUMÁRIO

PRÉ-FILMAGENS – TECENDO O CAMINHO DAS IDEIAS	9
ELENCO – O PROFESSOR QUE VEMOS NO CINEMA.....	22
ROTEIRO.....	28
 CRITÉRIOS DEFINIDOS PARA A ANÁLISE DE CENAS.....	31
 TOMADA 1 – ANÁLISE FÍLMICA	32
 TOMADA 2 – MEU FILME, MINHA PROFISSÃO.....	41
 THE END	43
CRÉDITOS	44

RESUMO

A sociedade nos molda em estereótipos o tempo inteiro. Esses estereótipos nos influenciam a pensar e a agir, muitas vezes inconscientemente, sem que seja claro tais padrões, entretanto, os estereótipos também nos fazem desafiar e romper, fugindo desse padrão comportamental que muitas vezes não nos encaixamos. Este trabalho visa salientar quais são os estereótipos presentes na profissão docente e como esses estereótipos são representados no filme Matilda, filme que me afetou e me influenciou à um estereótipo maternal que refletiu diretamente em minha vida profissional. Diante do assunto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica afim de se compreender quais eram as literaturas sobre os estereótipos docentes presentes nas telas do cinema. A partir dos estudos encontrados, que possibilitou a ampliação do conhecimento sobre os estereótipos docentes, foi realizada uma Análise Fílmica. A análise filmica foi feita de acordo com as cenas que a professora interagia com os alunos e principalmente com Matilda, possibilitando a conclusão de que o estereótipo mais aparente no filme é o estereótipo maternal, reforçado por padrões sociais impostos à profissão docente para a mulher, que é vista como cuidadora, zelosa, carinhosa e empática, possuindo o lado materno aflorado naturalmente, quando na verdade, tal lado é estimulado e moldado desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Fílmica; Estereótipos; Educação.

ABSTRACT

The society shape us in stereotype all the time. These stereotypes influence us to think and act unconscious most of the time, not letting this pattern clear, however, the stereotypes also challenge and break us up, staying out of this comportamental pattern we don't fit most of the times. This article has as objective to highlight which are the stereotypes presents in the docent profession and how these stereotypes are represented on "Matilda" movie, that affected and influenced me a maternal stereotype and reflected directly in my professional life. On the subject, a bibliographic research was carried out in order to understand what were the literatures on the stereotypes of teachers present on movie screens. From the studies found, which enabled the expansion of knowledge about teacher stereotypes, a Film Analysis was performed. The film analysis was made according to the scenes that the teacher interacted with the students and especially with Matilda, enabling the conclusion that the most apparent stereotype in the film is the maternal stereotype, reinforced by social standards imposed on the teaching profession for women, who is seen as a caregiver, zealous, affectionate and empathetic, having the maternal side naturally touched, when in fact, this side is stimulated and shaped since childhood.

KEYWORDS: Film Analysis; Stereotypes; Education.

PRÉ-FILMAGENS – TECENDO O CAMINHO DAS IDEIAS

A consciência é inseparável do pensamento, que é inseparável da linguagem. A consciência é a emergência do pensamento reflexivo do sujeito sobre si mesmo, sobre as suas operações, ações (MORIN, 2008, p.135-136).

Começo adubando a semente da reflexão, que se inicia por meio de memórias e perpassa por questionamentos sobre ser professora, não apenas referente a minha profissão, mas também ao meu lado pessoal, ao ser humano que habita a professora que há em mim e a professora que me habita como ser humano, devorando-se e me tornando uma! Questionar faz parte da vida de todas as pessoas que buscam respostas sobre si e sobre o mundo através de reflexões. Para falar dessas reflexões, rememoro minha infância, que assim como a da maioria das crianças, foi regada a questionamentos que davam asas à imaginação e à fabulação acerca de diversos assuntos.

Nasci em Barretos, em uma cidade típica do interior, em São Paulo, na qual as brincadeiras aconteciam nas ruas de terra batida em frente às casas. Ali, acompanhada de amigos da mesma idade, passávamos horas brincando, observando pássaros nas árvores, formigas em suas longas fileirinhas até sua morada, um pequeno buraco no chão com um montinho de terra em volta; observávamos bois nos pastos, peixes nos córregos e riachos, e tantos outros animais e dali surgiam várias perguntas: Será que eles pensam? Como se comunicam? Como enxergam o mundo? Será que enxergam as mesmas cores e coisas que nós? Será que ouvem mais ou menos do que a gente? Claro que não eram perguntas tão bem elaboradas quanto as que estão aqui descritas, mas que possuíam o mesmo significado e eram expressas na linguagem infantil.

Tantas perguntas, tantas curiosidades, tantas fabulações e tanta ânsia de descobrir o mundo e a mim. Entretanto, de acordo com minha vivência como estudante em escolas públicas com o modelo tradicional de ensino, não me recordo em nenhum momento desses questionamentos, que muitas vezes eram levados para o ambiente escolar, serem explorados pelos professores, afim de estimular a aprendizagem sobre o mundo que nos cercava e muito menos sobre nós, os alunos. Também na minha infância, eu fui marcada por dois desenhos exibidos na TV Cultura. O primeiro desenho se chamava “De Onde Vem?”¹ e era sobre uma garotinha chamada Kika, a qual fazia diversos questionamentos acerca de objetos e

¹ De Onde Vem? é uma série de desenho animado brasileira de foco educacional, produzida pela TV PinGuim para TV Escola.

fenômenos cotidianos, questionando de onde eles vinham. Um exemplo vívido em minha memória é o episódio no qual ela questiona de onde vem o ovo, e então, um dos ovos ganham vida e explica para ela de onde ele vinha e todo o caminho que ele havia percorrido até chegar nas prateleiras do supermercado. Eu achava fantástico o modo como era explicado no desenho e como eu conseguia aprender de maneira divertida. Recordo que naquela época, a TV Cultura passava boa parte do dia exibindo inúmeros desenhos e quando eu estava em casa, passava bastante tempo assistindo a programação.

O segundo desenho que me marcou muito, foi Timothy Vai à Escola², o qual conta a história de um guaxinim chamado Timothy, mostrando as experiências e diversões dele na escola, com a professora fazendo inúmeras atividades divertidas e diferentes. Porém, quando eu chegava na escola em que estudava era sempre a mesma coisa: as carteiras eram dispostas em fileiras, e a professora ficava no quadro escrevendo, explicando, escrevendo, explicando e a única atividade diferente eram os desenhos para colorir nas datas comemorativas como Páscoa e Natal; além de claro, a festa Junina, que movimentava toda a escola em uma festa fora do horário escolar, deixando os alunos eufóricos para o acontecimento. E em minha cabeça, aquela escola que passava no desenho, era apenas “coisa de desenho” e que não existia, principalmente porque o desenho era com personagens bichos, além de que, naquela idade, eu não fazia ideia dos métodos de ensino além daquele no qual eu estava inserida na escola.

Ainda na infância, minha brincadeira preferida era “ser professora”, na qual eu passava horas e horas imitando o comportamento dos professores com quem tinha convivência e nesse faz-de-conta eu ensinava os ursos de pelúcia, reproduzindo o cotidiano da sala de aula dentro de minha realidade e ao me lembrar desse fato, percebo que a reprodução não era pautada somente em minhas vivências, mas também no desenho Timothy Vai à Escola. Eu imitava o que eu vivia: colocava todos os ursos enfileirados em carteiras imaginárias, o quadro era colocado na frente, onde eu ficava escrevendo e escrevendo e dando bronca nos supostos alunos, dizendo que estes eram teimosos e “impossíveis”, assim como eu via e ouvia na escola. Entretanto, também brincava de ser professora no modelo do desenho, no qual eu colocava os “alunos” dispostos em um círculo e ia contando histórias, imaginando experimentos e brincadeira diferentes. Porém, as duas brincadeiras eram distintas, uma era

² Timothy Vai à Escola é uma série de desenho animado produzida em conjunto com os países: Hong Kong, Estados Unidos e Canadá, baseado no livro de Rosemary Wells: Thimothy Goes to School. O desenho foi exibido pela TV Cultura de 2005 à 2008 em vários horários.

brincar de ser a “minha” professora, outra era brincar de ser a professora que eu via no desenho.

Além dos desenhos da TV Cultura, outras produções televisivas que tinham o ambiente escolar como foco fizeram parte da minha infância, entre essas produções, algumas me marcaram mais: Matilda³, Chiquititas⁴ e Carinha de Anjo⁵. Outras produções marcaram minha adolescência: Malhação⁶ e Rebelde⁷.

Já adulta, refletindo sobre as experiências que tive como aluna e a convivência que tive com meus professores ao longo da vida escolar, percebo o quanto o comportamento do professor marca e reflete na experiência de vida dos alunos, que muitas vezes ficam ali meio período ou o dia todo, todos os dias da semana por vários meses do ano, em um movimento repetitivo e monótono, que desperta pouco interesse pelo aprendizado. Hoje, fazendo parte do mundo dos professores, reflito também que a sala de aula pode ir muito além dessas minhas percepções. Esse espaço pode se tornar um local de criatividade, questionamentos, descobertas e de aprendizado cooperativo.

No livro “A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”, o autor Rubem Alves visita a Escola da Ponte, localizada em Portugal, e que é uma escola democrática, com educação inclusiva e que tem como foco o protagonismo do aluno com alicerce nas ideias pedagógicas de Freinet. Em primeiro momento, em sua obra, o autor salienta o quanto o ensino está automatizado e o quanto as crianças não são livres para pensar de maneira criativa, mas sim, são pré-determinadas ao pensamento, que não inclui a individualidade da criança.

Ao visitar a escola, o autor se depara com a escola que sempre sonhou, uma escola que tem como principal função a cooperação, na qual todos se ajudam em uma enorme sala sem divisões, onde não há um professor para cada faixa etária ou até mesmo professores de matérias específicas, mas sim professores cooperadores que auxiliam todos os alunos, convivendo com os estudantes como amigos, dividindo ambiente, vivendo em conjunto sem

³ Dirigido por Danny DeVito, Matilda é um filme de comédia e fantasia de 1996, sendo escrito por Nicholas Kazan.

⁴ Chiquititas foi uma telenovela Mexicana criada por Cris Morena, em 1995. Foi reprisada no Brasil em 2007 pelo canal SBT.

⁵ Carinha de Anjo (Carita de Ángel) foi uma telenovela Mexicana produzida pelo canal Televisa, exibida no Brasil entre 2001 e 2002.

⁶ É uma série produzida pelo canal Globo desde 1997, totalizando atualmente 27 temporadas.

⁷ Rebelde foi uma novela Mexicana produzida pelo canal Televisa, em 2006. Foi exibida no Brasil, pelo canal SBT e fez um grande sucesso nacional.

preconceitos e egoísmo, afinal “a aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão aprendendo valores” (ALVES, 2004, p. 30).

O anseio de se ter uma escola inovadora deve girar em torno da concepção que as pessoas envolvidas têm acerca do que é infância, do que é educação e do seu objetivo. De nada adianta uma escola com metodologia diferenciada e com espaço aberto se as práticas ainda estão engessadas e se os envolvidos na educação, como os professores, ainda reproduzem, mesmo que de forma subjetiva, práticas opressoras e hierárquicas. Assim como a educação deve ser vista com seriedade, os alunos e professores também devem ser respeitados e, sobretudo, se respeitar. “Não é, pois, o procedimento, a marcha, a maneira que emancipa ou embrutece, é o princípio” (RANCIÈRE, 2002, p. 50).

No ambiente escolar todos os sentidos são treinados. É na escola que se aprende a olhar e se olhar, aprende principalmente a ouvir, a se calar ou falar muito pouco e também se aprende a preferir. Todas essas lições vão sendo atravessadas pelas diferenças, essas lições confirmam e continuam a produzir ainda mais diferenças. Os sujeitos são envolvidos nessa aprendizagem. Diante disso, a escola também produz corpos escolarizados e distinguem esses corpos.

Esse processo de “fabricação” de sujeitos é quase disfarçado, quase imperceptível, entretanto, é necessário que o olhar se volte para essas práticas do cotidiano onde é possível perceber esse processo. E por isso, é urgente que se desconfie do que é tomado com o “natural”. Também é importante que o professor preste atenção nas próprias falas, tenha um olhar mais aberto e uma problematização mais séria, que consiga lidar com a diversidade encontrada no ambiente escolar.

Sem alimentar uma postura reducionista ou ingênuas – que supõe ser possível – transformar toda a sociedade a partir da escola ou supõe ser possível eliminar as relações de poder em qualquer instância – sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o “natural”, isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder (LOURO, 1997, p. 86).

Quando pensamos sobre a profissão professor, instintivamente nos lembramos da infância. Todos nós tivemos e lembramos de professores que marcaram positivamente e negativamente nossa vida escolar; comigo não foi diferente. Entretanto, na maioria das vezes, nunca paramos para pensar sobre o ser que está além do profissional, sobre os sentimentos e histórias que esse carrega e que moldam sua personalidade, estilo de vida e de aula.

Ainda na educação básica, vi diversos professores se afastarem por questões de saúde física, emocional e psicológica. Hoje percebo que eram profissionais que claramente estavam definhando em suas profissões e se sentiam esgotados com a jornada carregada de diversas horas/aulas dadas em até três turnos para que sua renda fosse suficiente para seu sustento e de sua família, além de inúmeros outros problemas encontrados em seu meio profissional e pessoal. Enquanto isso, a programação televisiva que eu tinha acesso continuava a mostrar uma realidade um tanto utópica em relação à profissão professor, mostrando escolas perfeitas, alunos perfeitos, professores perfeitos e sem vida pessoal ou com uma história muito grande de superação.

Em Barretos, as escolas municipais são responsáveis pela Educação Infantil e Ensino Fundamental I e as escolas estaduais são responsáveis pelo Ensino Fundamental II e Ensino Médio, devido a isso, quando completei a quarta série (atual quinto ano) do Ensino Fundamental I, precisei mudar de escola para dar continuidade aos escudos e iniciar a quinta série.

Iniciei a quinta série também em uma escola pública com o modelo tradicional de ensino, as salas seguiam abarrotada de alunos, e agora parecia que tudo corria mais rápido. A cada 50 minutos de aula trocava o professor, sendo raríssima uma aula dupla. Desses 50 minutos o professor levava em média 15 minutos colocando a sala em ordem e acalmando os ânimos dos alunos, principalmente após o intervalo ou recreio, no qual nós voltávamos agitados. Todos esses pequenos detalhes só foram percebidos por mim quando eu passei a ter a vivência de sala de aula como assistente de sala e, posteriormente como professora, mais precisamente na rede pública de educação, já em Uberlândia.

Quando iniciei o ensino médio, tive a oportunidade de estudar em uma escola técnica bem conhecida e considerada como modelo de ensino em minha cidade, na qual o ingresso era por meio de um chamado “Vestibulinho”, uma avaliação de múltipla escolha parecida com o Exame Nacional do Ensino Médio. Essa avaliação tinha como objetivo selecionar os “melhores” alunos das demais escolas da cidade. Porém, na verdade, selecionava os estudantes que tinham facilidade com tal modelo de avaliação, sendo ineficaz para abranger os demais candidatos, visto que não tinha nenhum outro modelo de ingresso e alunos que possuíam dificuldades com relação ao modelo imposto de avaliação, ficavam de fora.

No ensino médio, eu também pude presenciar a saída de professores por esgotamento físico, mental e emocional, afinal, apesar de ser uma escola pública considerada com um

ensino de qualidade, continuava sendo uma escola mantida pelo Estado de São Paulo e por isso, as jornadas de trabalho também eram intensas e possuía inúmeros desafios a serem enfrentados. Porém, eu também, via docentes motivados e felizes em sua profissão, dando aulas incríveis na medida do possível, que prendiam a atenção da maior parte dos alunos e estavam sempre entusiasmados em ensinar, buscando métodos e maneiras diferentes para explicar o conteúdo e não apenas o conteúdo, mas iam muito além, buscando aproximar aquele conhecimento do cotidiano dos estudantes. Alguns professores preocupavam com o estado psicológico e emocional dos alunos, os estimulavam em seus sonhos e o que eu considero o mais importante para mim atualmente, mostravam na prática o quanto ser professor é importante socialmente e o quanto a profissão carrega bonitezas.

Aos dezessete anos, ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. A partir de então um novo universo de possibilidades se abriu para mim. Agora eu estava em uma área em que eu me encontrava, em que eu sentia prazer em estudar, em imergir. Logo no primeiro semestre, cursei uma disciplina chamada Fundamentos da Biologia (FUB) e foi através dessa disciplina que soubemos qual era a função da licenciatura e a partir daí meu interesse pela educação se concretizou e foi crescendo tanto, que no segundo semestre do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas ingressei também no curso de Pedagogia modalidade Ensino à Distância (EAD). A cada dia que passava, meu encanto por lecionar ficava cada vez mais intenso, então, eu revisitava minhas memórias afetivas com relação aos filmes e desenhos que tinham como tema o ambiente escolar.

E então, cursando concomitantemente duas graduações voltadas à educação, eu mergulhava cada vez mais no universo do fato de “ser docente”. Com isso, eu estava mais próxima a me tornar a profissional que eu idealizava, inspirada nas minhas memórias afetivas vindas das produções televisivas. Para minha surpresa, em uma das disciplinas da graduação eu tive oportunidade de reassistir um desses filmes: Matilda, o que causou aquela sensação nostálgica e me fez imergir na reflexão da profissional que eu almejava ser, que vinha da inspiração desse filme, de uma profissional que também mudaria a vida dos alunos, assim como eu assistia.

A parte teórica da licenciatura nos cursos era maravilhosa e cheia de reflexões acerca da educação. Nas disciplinas pedagógicas de ambos os cursos, as questões mais discutidas eram a realidade que o aluno estava imerso, as dificuldades enfrentadas no aprendizado e como minimizar essas dificuldades e diferentes tipos de metodologia para alcançar o aprendizado efetivo dos alunos. Porém, raras eram as discussões sobre o professor; não era

comentado sobre os estereótipos do papel de educador, não era comentado sobre o quanto esses estereótipos influenciariam na pressão que sofreria da sociedade e também de si mesmo. Entende-se aqui por estereótipos⁸, o a definição elaborada por Pereira (2002, p.43): “imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo”.

Diferente do ensino básico, na graduação eu passei a ver com um olhar mais cauteloso a profissão professor, passando a não a romantizar, mas a encarar como uma profissão cheia de desafios a serem superados. Já sob essa perspectiva diferente, eu me questionava: O professor que leciona para cursos do ensino superior enfrenta desafios diferentes? Por que na educação básica os professores são mais desvalorizados e consequentemente mais desmotivados?

Entretanto, na graduação também via professores se afastando por questões de saúde, em sua maioria estresse e esgotamento emocional, o que me fazia refletir que, em todos os níveis da educação, para o docente há desafios diferentes que precisam ser enfrentados. Além disso, observei na graduação que havia bastante recursos para que as aulas fossem diferenciadas, estimulantes e que não fossem monótonas, o que tornava o aprendizado mais prazeroso tanto para o docente, que podia explorar sua área de conhecimento com propriedade, quanto para os alunos, que podiam aproveitar desse conhecimento com mais contentamento. Então, se havia recursos e tudo mais que se era necessário para o trabalho da profissão, por que ainda acontecia com frequência esses afastamentos por questões de saúde? Por que também se encontrava professores frustrados na Universidade? Tais profissionais também eram afetados por algum estereótipo que acompanha a profissão docente? Poderia ter relação entre esses estereótipos e a cobrança pessoal desses docentes com sua profissão?

Enquanto isso, em minha caminhada para me tornar professora, ainda antes de chegar ao estágio já escutava de pessoas de minha convivência comentários a respeito da profissão escolhida por mim:

– *Está fazendo licenciatura? Vai morrer pobre!*

– *Ainda dá tempo de mudar de profissão, vai fazer algo que dê dinheiro.*

– *Os alunos não respeitam mais os professores hoje em dia.*

⁸ Essa definição será melhor discutida na sessão “Elenco” desse texto.

– Professor deveria poder usar a palmatória nos dias de hoje, ia resolver muita coisa.

O peso desses comentários negativos que escutei me dava mais motivação para continuar na profissão, para encontrar as brechas que vi vários professores que lecionaram para mim encontraram e buscar a felicidade na profissão, então, inevitavelmente, comecei a criar expectativas imensas sobre minha futura vivência docente. Eu queria provar para todo mundo que ser a professora perfeita era possível. Porém, o que eu precisava para atingir essa perfeição? Onde eu buscara essa inspiração para a perfeição? E mais uma vez eu me voltava ao meio televisivo, para os filmes que já havia assistido e que veiculavam o estereótipo do professor perfeito, do herói e do salvador. Até então, eu não havia tido acesso a nenhum outro estilo de filme que retratasse o papel do professor de outra maneira além desse heroísmo.

Finalmente pude chegar a tão almejada fase: o estágio concomitante em ambas graduações. Porém, continuei ouvindo frases de desmotivação. Entretanto, para minha surpresa, essas frases vinham dos próprios profissionais da educação; não apenas dos professores, mas também dos coordenadores e até diretores. A frase mais repetida era:

– Você é tão nova, ainda dá tempo de trocar de profissão

Percebi nas discussões na disciplina de estágio, no curso de Ciências Biológicas, que essas frases não eram ditas apenas para mim, mas também para a maioria dos alunos que estavam estagiando, inclusive, era mais comum encontrar professores que questionassem as escolhas e desmotivassem a formação docente do que professores que estimulassem e defendessem a profissão. Então, toda a visão de uma realidade escolar perfeita, passível de mudanças, que eu considerava que seriam mudanças fáceis e objetivas com base no que eu assistia, foi por água abaixo. A realidade que encontrei foi completamente diferente da realidade que eu pensava. Eu preparava aulas, preparava materiais, dinâmicas e tudo mais, porém, na hora da prática, muitas vezes tudo dava errado. Muitas vezes eu saía sem voz de tanto tentar fazer com que os alunos prestassem atenção para que eu pudesse pelo menos explicar a atividade que seria feita no dia. Muitas vezes eu saía esgotada psicologicamente por não conseguir cumprir o que havia planejado e muitas vezes eu saía emocionalmente abalada, pois toda a minha expectativa ia sendo drenada a cada dia, me fazendo desanimar cada vez mais por não estar conseguindo seguir o exemplo de professora perfeita que via nos filmes.

Enquanto isso, os professores que nos acompanhavam nas disciplinas de estágio nos motivavam a criar diferentes modelos didáticos, nos ensinavam a fazer um bom plano de aula,

nos estimulavam principalmente a refletir sobre a realidade que o aluno estava inserido, entretanto, não nos incentivavam a pensar em nós mesmos enquanto docentes, a nos conhecermos, a refletir sobre o caminho da profissão, a olharmos para nós mesmos com carinho e cuidado frente aos desafios de ser docente. Aliás, muitas vezes observamos professores que lecionavam disciplinas relacionadas a didática, licenciatura e estágios sem ao menos terem pisado em uma sala de aula do ensino básico, resultando em reflexões sobre situações utópicas frente a realidade do ensino público do país. Então, eu me questionava sobre como conseguiria alcançar o nível de perfeição que eu almejava enquanto professora, como eu faria para mudar a realidade daqueles alunos para quem eu lecionava sendo que eu ainda nem havia me formado e já estava desmotivada com a profissão.

Minha graduação em Pedagogia teve duração de três anos, sendo que ingressei em julho de 2014, então, em julho de 2017 eu já estava formada e também inserida no mercado de trabalho na área da educação. Quando eu estava indo para o quarto ano de Licenciatura em Ciências Biológicas no IFSP – *Campus Barretos*, já tinha uma boa noção de que eu gostaria de dar continuidade a meus estudos com um mestrado na área da educação e após algumas buscas e alguns problemas pessoais, tomei a decisão de transferir o curso para a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E no primeiro semestre de 2017 ingressei na UFU, terminando meus quatro últimos semestres em Uberlândia.

Com a minha mudança para Uberlândia, precisei trabalhar além de estudar, pois meus pais não tinham condições de me manter na cidade. Então, no segundo semestre de 2017 comecei a trabalhar na área da educação, como assistente de sala em uma escola particular destinada a uma classe socioeconômica privilegiada. Nessa escola percebi que muitas das coisas citadas e refletidas nas disciplinas de licenciatura funcionavam relativamente bem, pois havia recursos materiais para que fossem colocadas em prática as diferentes metodologias. Opa! Ali eu estava conseguindo ser a professora perfeita, ali eu tinha todos os recursos necessários para dar a melhor aula, ali eu estava lidando com os alunos idealizados, porém, por que eu não estava mudando a realidade deles? O que precisava para mudar a realidade deles naquele contexto, visto que todos eles tinham tudo que queriam? De qual realidade eu estava falando? Qual realidade eu estava alimentando em minha mente?

Um ano depois e após um processo seletivo tive a oportunidade de trabalhar na prefeitura de Uberlândia, em uma escola municipal, ingressando no primeiro semestre de 2018. Quando adentrei a sala de aula no primeiro dia letivo o choque foi bem grande pois percebi que minhas vivências anteriores eram bem diferentes do que os desafios que iria

enfrentar a partir daquele momento. Lecionei para o primeiro ano, numa sala de 32 alunos, um número completamente discrepante de quando eu trabalhava na escola particular, que eram apenas 15 e ainda sim era difícil e exigente o processo de alfabetização. Com 32 alunos se tornava quase impossível. Além da sala ser cheia, os recursos eram mínimos, sendo que faltava até o básico como papel, giz e xerox; recursos de audiovisual eram praticamente inexistentes pois a escola contava com uma televisão e um projetor para 28 salas, então o agendamento para utilizar esses recursos tinha que ser feito com semanas de antecedência, por isso era um recurso praticamente inutilizável. Além dos recursos básicos na escola, havia também a realidade dos alunos, que muitas vezes tinham histórias de vida bem pesadas com tão pouca idade.

A realidade ali era completamente diferente e apesar dos desafios que me deparei na escola pública, percebia que era ali que eu me encontrava, era ali que minhas inquietações falavam mais alto e me faziam refletir acerca da realidade, era ali que encontrava motivação para trabalhar, e que eu enxergava a oportunidade de mudar a vida de um aluno. Foi naquele ambiente que eu passei a entender que talvez eu não pudesse mudar a vida de todos os alunos, mas eu poderia fazer diferença na vida de alguns, e isso se tornou uma nova motivação, e encontrei um mundo de possibilidades e alegrias. Mergulhei novamente em minhas memórias afetivas vinda dos filmes que assistia ainda quando criança e que agora eu estava tendo a oportunidade de viver uma realidade na sala de aula. Me sentia parecida com as professoras dos filmes quando eu sentia ânsia por ensinar, quando eu acolhia um aluno que estava com medo da nova rotina escolar, e em diversas situações mais e mais questionamentos e anseios me surgiam. O que diferenciava a mim e meus colegas que tinham ânsia pela mudança para melhor do ambiente escolar dos meus colegas de trabalho que desejavam a aposentadoria ou queriam trocar de profissão? Porque conseguíamos encontrar e criar momentos felizes e motivadores e eles não? O que fazíamos de diferente?

Com base nessas inquietações comecei a refletir sobre o papel do docente no cinema e como essa profissão é representada nos meios televisivos. Em minha convivência com o corpo docente que trabalhei e conhecendo outros profissionais da educação básica pude perceber que a angustia perante a profissão eram presentes na vida deles, entretanto, outros eram extremamente satisfeitos com a profissão e tinham o desejo de seguir nela para o resto da vida. Alguns dos mais velhos citavam a aposentadoria como um sonho, enquanto alguns dos que estavam, assim como eu iniciando a carreira, gostariam de trocar de área ou lecionarem no ensino superior, pois de acordo com a maioria o desgaste físico e mental era

menor. Porém, havia uma outra parcela de colegas que estavam há décadas no ensino básico, alguns lecionando na mesma escola por um longo período de tempo, outros iniciantes como eu, que sentiam a vontade de mudar e revolucionar aquele ambiente de ensino-aprendizagem.

A profissão professor, está muito além do que apenas ensinar, alfabetizar e passar o dia em uma sala de aula. Podemos estar em contínua reflexão sobre não apenas sobre a profissão, mas também sobre os limites pessoais, porque a partir do conhecimento dos próprios limites, desejos, angústias, sonhos, medos e autoconhecimento geral é possível estar em contínuo aprendizado. O professor também pode sofrer com o peso de estereótipos idealizados. Como quebrar esses estereótipos? Há filmes que retratam esses estereótipos? Há filmes que retratam a quebra desses estereótipos e mostram o professor como um ser humano que enfrenta inúmeros desafios, passa por dificuldades, passa por superações e consegue ser feliz em sua carreira? Quais são esses estereótipos que rodeiam a imagem do professor?

Os estereótipos não vieram a mim apenas na profissão, os estereótipos fazem parte de mim, da minha história, da minha vivência, da minha existência! Ainda na infância muitos questionamentos sobre mim mesma fizeram parte do meu cotidiano, afinal, eu nunca fui considerada uma criança dentro dos padrões sociais, começando pelo meu corpo. Nunca fui uma criança magra e com estereótipos femininos e os julgamentos e pré-conceitos começaram claramente onde temos o primeiro convívio social: a família.

- *Você precisa comer menos, é tão feio menina gorda.*
- *Cuida desse cabelo, prende para não ficar armado, é feio cabelo armado.*
- *Se você não emagrecer não vai conseguir arrumar um namorado quando crescer.*
- *Você tem que emagrecer enquanto é novinha, porque depois de “grande” não é fácil perder peso.*

Essas frases e muitas outras fazem parte de minhas lembranças, inclusive quando em uma consulta rotineira à pediatra, ela apertou minhas bochechas e após se virar para minha mãe disse em alto e bom tom: “*Por que todo gordo tem rosto bonito? Você precisa fazer com que ela emagreça, ela vai ficar linda!*”, nesta consulta eu tinha apenas seis anos de idade e me lembro que foi o momento que entendi que o certo era ser magra, pois até uma médica havia dito.

Cresci com a questão do peso martelando em minha mente, pois mesmo quando criança, já usava roupas maiores, as vezes até de adultos e nunca eram roupas do meu gosto,

eram somente “as que serviam”. E muitas vezes tinham cobranças em relação às roupas que eu vestia, pois além de não me encaixar nos padrões estéticos relacionados ao peso, também não me encaixava na feminilidade. Nunca gostei de usar vestido, saias, laços no cabelo, pulseiras ou brincos, e mais uma vez era cobrada socialmente por isso, pois onde já se viu uma menina que anda “mulambenta”, sem um brinco ou um colarzinho, sem um lacinho no cabelo e sem um vestidinho.

- Menina tem que usar vestido, não pode andar desarrumada.

- Menina não pode brincar de bola e ficar correndo na rua, é feio, tem que ser comportada.

- Cadê a delicadeza? Menina tem que ser delicada, como você vai arrumar um namorado quando crescer se não for delicada?

Hoje reflito sobre essas e muitas outras frases e percebo o quanto de peso elas tem em minha construção como pessoa, o quanto elas fazem parte da minha teia de vida. Entretanto, a reflexão que consigo fazer acerca de mim mesma atualmente não veio de repente, não veio com facilidade nem com pressa.

Só pude começar a refletir sobre minha existência após um longo período de neblina em mim mesma. Essa neblina começou a ser retirada a partir da minha imersão na terapia. Mas para que eu começasse a fazer terapia cheguei em situações extremas de ansiedade e depressão. Inseguranças, medos e traumas fizeram parte da minha vida durante anos, principalmente com relação a minha orientação sexual e com meu corpo. Carrego sequelas e ainda busco superá-las até hoje.

Um mergulho ainda mais profundo em mim veio com o livro Mulheres Que Correm com os Lobos⁹. Ah se eu pudesse colocar em palavras tudo o que esse livro representa em meu processo de autoconhecimento! Esse livro mudou minha vida não apenas no sentido pessoal, mas me fez mergulhar também na minha profissão, em como eu estava sendo pressionada por mim mesma em me tornar uma professora baseada nessas produções que eu havia assistido ainda na infância e que me afetavam até os dias atuais. Resumidamente, o livro emergiu minhas potencialidades, visitar a minha ancestralidade, resgata-la, respeita-la e me respeitar como mulher, como ser intuitivo, suficiente e capaz de enfrentar o mundo todo se for necessário. O livro me fortaleceu, me fez refletir sobre minha trajetória de vida, o quanto a

⁹ Mulheres Que Correm com os Lobos – Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Livro escrito por Clarissa Pinkola Estés. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

intuição me guiou e ainda me guia, inclusive em minha profissão. Ser mulher e professora é parte do que sou, é onde eu me encontro, me acolho e faço minhas escolhas, é onde eu me sinto viva e suficiente.

No processo terapêutico, fiz inúmeras descobertas, colocando em prática o autoconhecimento e a reflexão. Na terapia, também pude descobrir inúmeras alegrias não só com relação a minha vida pessoal, mas também com minha vida profissional. Ser professora se tornou ainda mais incrível, instigante e motivador e algumas questões emergiram nesse processo. Pude refletir sobre os estereótipos que me cercaram durante a vida inteira e continuam me cercando, agora também como professora. Reflito sobre o ser e o estar, sobre o querer e o conseguir. As minhas inquietações agora eram diferentes e mais intensas do que simplesmente as inquietações de ser a professora perfeita. Eu enquanto professora, não sou imutável, não sou estática e nem quadrada.

Posso transitar entre os modelos de ensino com relação a minha profissão, moldo-me perante as minhas vivências, me liquefaco e me transformo em novos modelos. Percebo que as produções televisivas às quais tive acesso ao longo da vida, trazem alguns estereótipos sobre o papel do professor, porém, não sou obrigada a me encaixar nesses estereótipos e nem em estereótipo algum que me é imposto. A profissão professor não é rasa o suficiente para ser resumida a estereótipos, vai muito além.

Me incomoda o fato dessa profissão tão intensa ser resumida a estereótipos, me incomoda o fato de ser mostrado na maioria das vezes apenas um modelo utópico desse profissional, como se o professor tivesse sempre que ser aquele sujeito motivado, heroico e jamais abalável. Nessa profissão, bem como em qualquer outra, há conflitos que os professores encontram ao longo de sua carreira e através desses conflitos se têm a oportunidade de melhora e de novas descobertas. Entretanto, porque é mais fácil encontrar esses padrões que se fazem tão presente nos meios televisivos?

Diante disso, questiono sobre esses padrões: Quais são os estereótipos acerca da profissão docente representados no filme "Matilda"? Como esses estereótipos influenciaram na formação da minha trajetória profissional?

ELENCO – O PROFESSOR QUE VEMOS NO CINEMA

Na sociedade em que vivemos, crescemos com imagens já previamente construídas e cristalizadas sobre tudo que aprendemos na vida social, inclusive sobre as profissões, e dentre elas, a de professor. De acordo Arroyo (2000, p. 29) “somos a imagem que fazem de nosso papel social, não o que teimamos ser”. Essas imagens pré-estabelecidas podem ser compreendidas como estereótipos.

Os estereótipos aparecem com frequência na nossa sociedade e fazem parte do cotidiano. Etimologicamente, a palavra estereótipo vem de dois termos gregos, *estéreos*, que significa sólido e rígido e *typos*, que significa tipo, impressão, figura, imagem, forma ou modelo. Saindo da etimologia para mergulhar nos conceitos, são encontradas diferentes definições. Algumas dessas definições descrevem o estereótipo como grupo de adjetivos que são comumente associados aos grupos sociais, como diz Pereira (2002):

No plano etimológico, o termo ‘estereótipo’ é formado por duas palavras gregas, *stereos*, que significa rígido, e *typus*, que significa traço. No plano histórico, a psiquiatria do século XIX utilizava a palavra ‘estereotipia’ para se referir à repetição mecânica e frequente de um mesmo gesto, postura ou fala em pacientes que sofriam de dementia praecox, embora considerações históricas sugiram explicitamente que a palavra ‘estereótipo’ origina-se do jargão tipográfico, referindo-se a um molde metálico utilizado nas oficinas tipográficas, que se destacava pela possibilidade de produzir uma mesma impressão milhares de vezes, sem precisar ser substituído, surgindo daí, por analogia, o adjetivo estereótipo, indicando algo que poderia ser repetido mecanicamente. Por essa via, o termo chegou às ciências sociais e tem sido utilizado para fazer referência à imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo (PEREIRA, 2002, p.43).

De acordo com Pereira (2002), os estereótipos eram considerados como fotografias que os indivíduos carregavam dentro de sua mente. Entretanto, recentemente a definição de estereótipos mudou, sendo definidos como “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre esses atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados” (PEREIRA, 2002, p. 45).

Estereótipo enquanto palavra foi se adaptando ao longo dos anos para um vocabulário mais corrente, atingindo então, um sentido de generalização de certo grupo, seja profissional ou qualquer outro aspecto, que agrupa uma grande quantidade de informações sobre o indivíduo (ROCHO, 2007, p. 15).

Dessa forma, ao se considerar os estereótipos a partir de um ponto de vista macroanalítico, eles podem ser compreendidos como crenças, convicções pré-estabelecidas

sobre indivíduos, grupos ou até objetos. Essas convicções são derivadas de um pré-conceito a respeito de algo ou alguém. O estereótipo

[...] pode ser entendido como uma ferramenta cognitiva utilizada para categorizar na memória a pluralidade dos elementos sociais, com o objetivo de auxiliar o indivíduo a organizar e compreender de forma menos complexa seu ambiente (LEITE, 2010, p. 134).

Apesar de não ser uma regra, geralmente os estereótipos são negativos, visto que são criados para ser demonstrado o poder de um grupo sobre outro grupo, afim de menosprezar o oponente (BAPTISTA, 2004, p. 113). Já os estereótipos positivos aparecem com menos frequência e são considerados controversos, pois não afetam de forma discriminatória a sociedade (ROCHO, 2007, p. 16).

É muito comum que o estereótipo torne-se uma verdade no inconsciente das pessoas, principalmente porque a mídia utiliza-se deste recurso para facilitar a identificação de seus produtos ou personagens, ou seja, a mídia, quando retira o profissional de seu contexto histórico-social, distorce a realidade em prol da estereotipia. Muitos estereótipos são passados de geração em geração, não sendo questionadas sua origem ou motivos (ROCHO, 2007, p. 16).

Conforme essas crenças vão sendo disseminadas, é essencial que se leve em consideração a busca acerca desses processos de se formar os estereótipos:

Em relação ao modo pelo qual os estereótipos são aprendidos, transmitidos e modificados, a suposição básica aceita por essa perspectiva é a de que em um plano mais interindividual, as crenças compartilhadas são transmitidas e reforçadas pela intervenção dos pais, amigos e professores, enquanto em uma perspectiva mais ampla eles seriam difundidos pelos meios de comunicação de massa. Assim, na medida em que nas sociedades modernas os estereótipos, juntos com os demais conteúdos informacionais, avaliativos e valorativos são transmitidos através dos meios de comunicação de massas, podemos imaginar que eles atingem a milhões ou mesmo bilhões de pessoas, levando a constituição lenta e inexorável do que poderia ser denominado de repertório coletivo dos estereótipos (PEREIRA, 2002, p. 34).

De acordo com Jesus, (2006, p. 13), é importante salientar ainda, que a sociedade apoia o estereótipo, pois há uma aceitação consensual. Além disso, é necessário considerar que os grupos estereotipados recebem apoio social, ou seja, a sociedade apoia para que aqueles estereótipos se mantenham. Por isso, de acordo com Rocho (2007, p.16) para que ocorra a quebra do estereótipo é necessário que os grupos se imponham socialmente para ganhar visibilidade e assim, consigam que informações corretas cheguem ao maior número de pessoas, pois quanto mais informação sobre determinado grupo, menor será a visão estereotipada projetada sobre este grupo.

Colaborando e alimentando os modelos de estereótipos há a mídia, que tem influência indireta e ainda sim é responsável pelos principais focos da perspectiva sócio-cultural acerca da evolução e modo de transmissão destes.

Reconhecidamente, sabe-se que para uma das principais fontes de difusão dos estereótipos é o cinema. Em uma obra dedicada à apresentação dos clichês, cenas obrigatórias, convenções e estereótipos tradicionalmente incluídos em obras cinematográficas podem ser encontradas algumas referências de natureza étnica. (...) Em linhas gerais, o argumento básico da teoria sócio-cultural é a de que os estereótipos se formam através da observação dos comportamentos apresentados pelos membros do grupo estereotipado, em especial em padrões de comportamento tipicamente associados com as expectativas em relação ao papel desempenhado pelos membros do grupo estereotipado. Assim, se observadores tiverem poucas oportunidades de observar diretamente o comportamento dos membros de um determinado grupo social, as observações restringir-se-ão aos padrões de comportamento apresentado nas circunstâncias em que eles são retratados pelos meios de comunicação de massa (PEREIRA, 2002, p. 98).

Esse raciocínio pode ser exemplificado nos estereótipos de gênero que são sempre presente em filmes, incluindo os filmes sobre professores: os homens, na maioria das vezes, representam papéis em que exercem o controle da situação, do ambiente. Enquanto as mulheres, aparecem em papéis que são ligados ao altruísmo e ao cuidado dos outros (PEREIRA, 2002, p. 99). Com relação aos estereótipos, a profissão professor também passa por tal padronização que reverbera socialmente e rotula o comportamento do profissional, dizendo o que deve ou não ser feito, como deve ou não agir. Diante do exposto, é comum que a mídia voltada ao cinema faça uso de estereótipos com a intenção de disseminar uma ideia e principalmente vender um produto (MORENO; BASTOS, 2012, p. 15).

Para representar esses padrões sociais, o cinema tem papel importante. Através da linguagem cinematográfica, de acordo com Fantin (2011, p. 82) “[...] os elementos filmicos configuram os significantes cinematográficos através das imagens, das escritas, das vozes, dos rumores e da música”, esses elementos são pensados com a finalidade de envolver quem assiste, causando afetos.

O cinema tem como função possibilitar a quem assiste uma imersão em seu íntimo, afim de refletir sobre a realidade vivente, além de proporcionar outras possibilidades de reflexões sobre diversos assuntos que são intencionalmente colocados nos filmes, principalmente sobre situações cotidianas, como salienta Morin (2008, p. 135):

Os filmes e as séries de televisão nos falam, sem parar, dos problemas da vida que são os amores, ambições, ciúmes, traições, doenças, encontros, acasos. São as “evasões” que nos fazem mergulhar em nossas almas e em nossas existências. Os romances ou filmes *noirs*, como as tragédias antigas ou elisabetanas, fazem-nos

descer aos nossos subterrâneos, nossas “cavernas interiores”, onde reinam a violência e a barbárie, ou, então, dão um impulso imaginário a nossos desejos de aventura. Atroz em nossas vidas é transfigurado num filme e nos dá a volúpia ou o deslumbramento no horror. O impossível é realizado, mas no imaginário, ou seja, sem perigo (MORIN, 2008, p. 135).

Por isso, quando uma pessoa se mobiliza para assistir um filme ocorre uma espécie de ligação de realidade com o filme, pois a partir do momento que as imagens são projetadas, mesmo essas imagens sendo irreais, as emoções e as sensações causadas pelo filme acarretam um efeito de realidade objetiva.

Diante disso, o cinema tem papel importante, pois a cultura da mídia transmite ao espectador imagens com a qual o público que irá assistir consegue identificar-se. Isso reflete em um importante significado no que diz respeito aos fatores culturais e sociais que o indivíduo ocupa. O que a imagem transmite não é apenas uma figura qualquer, mas é a comunicação simbólica. Todas as imagens exibidas são envolvidas em comunicação a partir de elementos simbólicos.

Para além disso, a profissão de professor tem grande importância social, visto que a presença da profissão em algum momento da vida fez ou faz parte da população. Para que haja a formação de todas as profissões, é necessário um educador, para mediar o conhecimento e nortear o estudante perante ao que se é ensinado. Entretanto, a profissão professor, é uma profissão política, longe da neutralidade, pois está repleta de valores e ideologias, sendo parte da cultura em que tal educação está inserida.

Por estar presente em todas as culturas, a realidade escolar e quem nela está inserido é interessante também para os meios televisivos. Por isso, é comum ver o cotidiano escolar retratado em filmes, documentários, novelas, desenhos e séries, passando a ser um produto cultural. Esses produtos também possuem inúmeros valores e ideologias, além de enfatizar padrões de acordo com o que querem mostrar.

Os filmes são, portanto, produzidos e vistos dentro de um contexto social e cultural que inclui mais do que os textos de outros filmes. O cinema desempenha uma função cultural, por meio de suas narrativas, que vai além do prazer da história (TURNER, 1997, p. 69).

Nos meios de comunicação em massa, as mensagens passadas são ampliadas, adicionadas de valores, alteradas ou modificadas de acordo com o receptor final: o público. É o público quem interpreta tal mensagem, mesmo que essa mensagem seja intencional, agraga emoção e sentido! Diante disso, o cinema, a partir dessa perspectiva, pode atingir inúmeros

telespectadores de diferentes culturas, porém, cada telespectador pode dar ao filme uma diversidade de significados e sentidos dependendo da visão que possui de mundo.

[...] O diretor utiliza fragmentos do real recriando-os de maneira a compor uma verdade maior, propor (re)contar histórias que parecem realmente serem vividas pelos seus personagens, recortar a realidade e pincelá-la em frames de ficção, cria um outro mundo para o ser espectador, que tem sede, mergulha em água de contos. Gera afectos (LOURENÇO, 2018, p. 142).

Dentro dessa gama de possibilidades, há filmes que tem como foco retratar situações históricas, documentários que visam expressar conhecimentos e informações sobre determinados temas de modo intencional; são as chamadas instâncias educativas ou culturais, pois “[...] tal como a educação formal, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também ensinam alguma coisa [...] estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade” (SILVA, 2015, p. 139). Entretanto, há filmes que mesmo sem intenção, acabam por expressar valores e modos de vida, seja a partir de seu enredo, música, personagens, mensagens ocultas, entre outros. Assim como a pedagogia convencional, a pedagogia cinematográfica também carrega consigo o currículo oculto¹⁰, sendo este também um modo de educar:

Constituído por todos aqueles aspectos do ambiente que, sem fazer parte do oficial, o explícito, contribui, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações (SILVA, 2015, p. 78).

O ambiente escolar e o professor são muito retratados nos meios televisivos, principalmente pela indústria hollywoodiana, que traz uma visão em sua maioria, romantizada do professor, personificando-o como um herói. Tais narrativas filmicas, retratam os educadores em diferentes momentos históricos, mas sempre com jornadas sacrificantes e dedicação, mesmo em situações de desafios e dificuldade, encontram a glória, como um herói, mostrando sempre “a imagem do adulto enfrentando e dominando vários jovens, muitas vezes rebeldes, para transmitir-lhes o conhecimento dentro do ambiente escolar, agrada a indústria cinematográfica, sempre árida na sua busca por imagens heróicas, dramáticas ou cômicas [...]” (PADIAL, 2010, p. 49).

Mary Dalton (2004) fala sobre o modelo de Hollywood acerca do que é um bom e um mal professor. Para a autora, a indústria de cinema de Hollywood bifurca a representação

¹⁰ “[...] o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2015, p. 78). Assim sendo, aprende-se no currículo oculto atitudes, valores, comportamentos e orientações que a sociedade exige dos estudantes para se moldarem aos padrões e ao funcionamento social já constituído.

da figura do professor. Na maioria dos filmes que Dalton analisou, o educador é o personagem principal que representa um herói a que é colocada contra um sistema institucional ruim. Esse professor possui angústias, inquietações e posições bem diferente dos demais professores e da gestão e direção da escola. Nesse tipo de filme, esse bom professor leciona em apenas uma sala de aula, conquista os alunos considerados impossíveis e indisciplinados e apenas após conquistar esses alunos difíceis, que em sua maioria lideram o restante dos estudantes, é que o aprendizado ocorre, visto que a partir da conquista desses alunos difíceis se é estabelecida a disciplina necessária para o aprendizado do currículo.

Bons professores de Hollywood geralmente não são apresentados como parte do currículo institucionalizado – isso é precisamente que os fazem “bons” – mas nenhum deles é hábil para escapar do sistema dominante (DALTON, 2004, p.25).

Então, o bom professor é sempre apresentado como um sujeito que desafia o sistema educacional, conquistando uma pseudo-vitória, mas no fim, não muda o sistema educacional, apenas aquele pequeno mundo dele da sala de aula, confrontando os gestores e os demais professores. A autora salienta que esse tipo de professor exaltado nas telas é caracterizado como um *outsider*¹¹, um estranho que não está imerso no sistema educacional pré-estabelecido e que diverge de seus colegas de profissão pois se envolve com os estudantes em nível pessoal. Além disso, não se relaciona bem com a gestão escolar, inclusive, personalizando o currículo para que este vá de encontro com seus alunos e suas necessidades. Esse profissional vai contra os seus colegas, que são representados como professores amargurados, temidos, impaciente com os estudantes e principalmente: conveniente com o sistema educacional, com as diretrizes escolares, com a gestão escolar e com os pais. Dalton (2004, p. 25) salienta que os filmes sobre professores, o bom professor é sempre mostrado como uma luz no fim do túnel da burocracia escolar.

Nesses filmes, o sucesso do docente é medido pelo êxito em conquistar os estudantes “problemas”, e esse sucesso só vem com o desenvolvimento da confiança desses estudantes nesse professor, quando esse estudante percebe que o docente realmente se importa com ele.

Esses filmes claramente articulam uma tensão dos professores em face de ter que responder entre as necessidades dos seus estudantes e avançar nos objetivos dos seus administradores e outros oficiais escolares (DALTON, 2004, p. 31).

¹¹ Outsider é um termo em inglês que significa intruso ou estrangeiro. Em seu livro, Mary Dalton identifica o termo como o professor que inicialmente não está inserido no sistema educacional ou na escola, confrontando esse sistema em seu ambiente de trabalho.

Para a autora, fica claro que nesse tipo de filme o professor tem que dançar entre o que ele considera melhor para seus alunos e as imposições da instituição e dos pais. “O essencial é que os bons professores assumem esses riscos, sempre sobre eventos relativamente sem importância, para provar que eles se preocupam com seus alunos” (DALTON, 2004, p. 33). A relação entre o professor e o estudante possui um risco considerável, pois o professor propõe atividades que extrapola o que é solicitado pelo currículo oficial, e essas atividades são consideradas revolucionárias pela instituição, o que torna esse bom professor uma ameaça. Então, o bom professor assume esse risco porque ele também aprende com seus alunos, aprende sobre a vida e também sobre si mesmo.

A maioria dos professores nos filmes tem conflito com os administradores sobre seus métodos não ortodoxos de ensino e relutância em estar sobre o enfadonho controle do seu supervisor (DALTON, 2004, p. 36).

Esses métodos de ensinos revolucionários do bom professor são considerados uma ameaça para a instituição escolar e, quando o professor não acata as ordens e conselhos dos gestores para se adequar ao modelo de ensino pré-existente, este sofre consequências, podendo ser afastado do ambiente escolar, demitidos ou induzidos a se demitir.

Frente a essas ideias temos inúmeros exemplos e um deles é o filme Matilda, que causou afetos em minha infância e em minha profissão. Diante desses afetos pessoais, objetivo abordar quais aspectos estão relacionados aos estereótipos docentes e que são mostrados no filme e como esses estereótipos me impactaram.

ROTEIRO

O presente trabalho contará com uma metodologia de abordagem qualitativa, na qual “a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence na forma de experimentação empírica, a partir da análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente” (MICHEL, 2008, p. 33). Esse tipo de metodologia consta com algumas características particulares, como por exemplo sua natureza interpretativa, na qual, para discutir os dados, o autor interpreta o objeto de estudo, fatos, acontecimentos, etc (PAIVA JÚNIOR *et al*, 2011, p. 191). Diante disso, a abordagem qualitativa entende que a realidade não é objetiva e sim subjetiva, podendo ser diferente dentro do olhar de cada indivíduo, pois cada pessoa tem uma maneira de enxergar e interpretar o mundo de acordo com sua realidade social, suas crenças, experiências, etc (CHUEKE; LIMA, 2012, p. 65).

Também será feita uma pesquisa descritiva que “tem o propósito de analisar, com a maior precisão possível, fatos ou fenômenos em sua natureza e características, procurando

observar, registrar e analisar suas relações, conexões e interferências” (MICHEL, 2008, p. 36). De acordo com Vergara (1998, p. 45), a pesquisa descritiva serve então, para mostrar características de pessoas ou fenômenos, sendo que pode ser estabelecida relações entre as variáveis. Diante disso, as situações representadas nos filmes serão analisadas com base na representação do estereótipo de professor nos papéis representados.

Quanto à coleta de dados, será utilizada a pesquisa bibliográfica a fim de mensurar os trabalhos publicados acerca do tema pesquisado, no caso, o estereótipo do professor no cinema. Além disso de acordo com Michel (2008, p. 36), a pesquisa bibliográfica auxilia na definição dos objetivos e também realizar levantamentos acerca do assunto que está sendo pesquisado. Para ser analisado os dados, será utilizada a análise de conteúdo através da análise filmica. Quanto a análise de conteúdo “pode ser uma análise dos ‘significados’ (exemplo: a análise temática), embora também possa ser feito uma análise dos ‘significantes’ (análise lexical, análise dos procedimentos)” (BARDIN, 2016, p. 41). A análise do conteúdo pode ser utilizada de maneira ampla, como por exemplo para a interpretação de gestos, linguagem corporal, áudio em geral, além de imagens, filmes, etc. (BARDIN, 2016, p. 42). Diante disso, foi escolhida a análise filmica para se analisar o estereótipo de professor nos meios televisivos, sendo que a análise filmica também é uma análise de conteúdo, visto que os filmes serão analisados perante a ótica do que se foi escolhido.

Como metodologia, a análise filmica parte da concepção de que não há apenas uma interpretação possível, mas que a interpretação tem como objetivo reforçar as afirmações sobre a verdade produzida no filme acerca da realidade e “(...) essas interpretações de múltiplos intérpretes podem ser analisadas e comparadas no tocante às diferentes construções de suas realidades” (FLICK, 2004, p. 167).

Desse modo, os filmes podem ser utilizados como arte estética, constituindo, ao mesmo tempo,

(...) uma forma de conhecimento sensorial, em contraposição ao conhecimento intelectual; uma forma expressiva de ação, desinteressada e sem uma finalidade instrumental específica; e uma forma de comunicação diferente da comunicação oral e caracterizada pela possibilidade de partilhar sentimentos e conhecimento tácito (WOOD, JR., 2001, p. 150).

Para Ribeiro (2012, p. 9) a análise filmica representa uma experiência catártica, com intenção de que, “na fruição da obra de arte o espectador possa suspender sua vivência

cotidiana alienada (...) confrontando-se com os eternos problemas da espécie humana que o artista conformou num contexto particular, rico e estreito”.

Já Alves (2010, p. 11) traz a perspectiva de que a análise filmica deve acontecer no olhar de uma “Tela Crítica”, na qual o filme propicia um instante de reflexão sobre a representação social projetada na obra, estimulando que sejam feitas análises sobre seu objetivo e que seja capaz de dar abertura a uma consciência crítica sobre a sociedade.

Para que aconteça a análise filmica, é necessário considerar aspectos internos e externos ao filme. Os aspectos internos dizem respeito aos elementos textuais que moldam o produto, no caso, o filme. Já os aspectos externos estão relacionados com as temporalidades. Também é preciso levar em conta o contexto social que o filme é retratado e a realidade social que o produto deseja apresentar. Quanto a análise interna, faz-se necessário decompor os elementos que constituem o audiovisual.

É despedaçar, descosturar, desunir, extraír, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto filmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme (VANOYE, GOLIOT-LÉTÉ, 2006, p. 15).

Diante disso, “desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo” (VANOYE, GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 12). Desse modo, tal análise é feita de modo técnico e tem como resultado um procedimento de compreensão da obra ou do produto. Penafria (2009, p. 6) explicita, “a aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme. Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema”.

Em seu trabalho, Franco et al (2020, p. 409), faz um resumo do modelo de análise filmica proposto por Isboli, Pépece e Gaiotto (2017, p. 67):

- (1) caracterização dos antecedentes, quando são observados o gênero e subgênero da obra, o registro temporal em que o filme é gravado e a época histórica retratada, os temas abrangidos e a finalidade da representação; (2) elementos componentes, analisando-se o histórico do diretor da obra e da construção de personagens principais que ele já produziu; (3) contato efetivo com o filme, momento em que devem ser analisados o espaço onde a exposição do filme ocorre aos expectadores (cinema, escola, empresa, casamento), visto que o local poderá ter influência sobre as interpretações dos expectadores sobre o vídeo; (4) mensagens elaboradas, quando a análise se volta para o retrato social, os estereótipos representados, o núcleo principal e seus valores, as problemáticas expostas, a interação dos personagens, o desenvolvimento do filme, os momentos históricos etc.; e (5) efeitos consequentes, analisando-se a reflexão gerada pelo filme, suas ações de divulgação, as derivações produzidas e as eventuais premiações que ele tenha recebido (ISBOLI, PÉPECE e GAIOTTO, 2017, p. 67).

Penafria (2009, p. 8) também faz sua proposta para a análise filmica. Sendo dividida em: I. Investigação das informações do filme; II. Decomposição do filme por partes (sequência e/ou por cenas), sendo essa decomposição feita a partir de um critério definido; III. Pontos de vistas, podendo envolver ângulos das câmeras, modo de narrativas e quem as faz e o sentido ideológico do filme; IV. Detecção da cena principal do filme; V. Conclusões sobre a obra em si, sobre um ou mais personagens, cenas, ambiente, realidade retratada e o que mais for necessário.

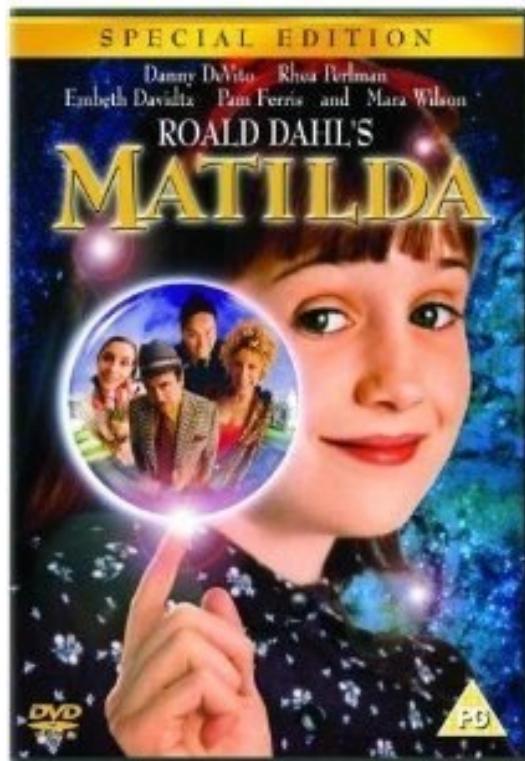
Apesar de haver proposições de métodos para se fazer a análise filmica, ainda não existe uma concordância universal aceita sobre essa metodologia. Porém, a análise filmica é sugerida e aceita por basicamente duas fases, sendo que a primeira é a descrição ou até mesmo a decomposição, no qual são descritos os aspectos e interpretação do que se é mostrado no produto, no caso o filme. A segunda etapa é a análise crítica, discutindo sobre o que é retratado no filme, o contexto social, representação, aproximação com a realidade e seu conteúdo em geral. Diante disso, a análise filmica tem como objetivo, explicar e esclarecer o percurso de um filme e os eventos que ocorrem, propondo sua interpretação (OLIVEIRA, 2017, p. 4).

Critérios definidos para a análise de cenas

A escolha das cenas dos filmes apresentados não ocorreu de modo aleatório. Ainda de acordo com a ideia de Oliveira (2017, p. 4) estabeleci o recorte das cenas da seguinte maneira: (I) cenas que houvessem evidência da relação professor/a-aluno/a, (II) cenas em que os estereótipos profissionais dos/as professores/as que foram significativos no meu processo formativo estavam evidentes. Para tal recorte das cenas primeiro foi utilizado o critério I, para depois ser utilizado o critério II.

TOMADA 1 – ANÁLISE FÍLMICA

Imagen 1 – Capa do filme.



Fonte: Amazon¹².

Matilda¹³ conta a história de uma garotinha muito esperta e que é ignorada pelos pais. Ao ser matriculada na escola, descobre que a diretora é uma mulher má, que é adepta aos meios antigos de punição aos alunos, tendo inclusive um armário para tranca-los caso se comportem mal, chamando-o de asfixiador. As crianças se queixam do jeito autoritário da diretora e o filme deixa claro o terror que é para os alunos encontrá-la em seu caminho. Entretanto, ainda sem saber como funciona o ambiente escolar, Matilda se vê animada para frequentar as aulas, pois nunca havia ido à escola anteriormente. Apesar do susto do primeiro momento com a diretora, a Matilda tem uma surpresa ao adentrar a sala de aula. A professora que leciona para a série dela é completamente diferente do comportamento da diretora, sendo uma mulher gentil e carinhosa.

¹² Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Matilda-Mara-Wilson/dp/B0000VCZKW>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

¹³ Matilda, protagonizada por Mara Wilson.

Em sua sala, a senhorita Jennifer Honey¹⁴ mantém um ambiente humanizador e se dedica fielmente ao aprendizado dos alunos. Matilda, ao longo do filme, descobre que a professora é afilhada de Ághata Trunchbull¹⁵, a diretora, e que carrega traumas de infâncias com relação à madrinha e mesmo assim, trabalha em sua escola como professora, defendendo e buscando mudar a vida de seus alunos. Então, durante o filme, é mostrado que a professora enfrenta no ambiente escolar inúmeros desafios e que mesmo diante de tais desafios, é feliz em sua profissão. O filme mostra o lado materno da professora não apenas pela paixão de ensinar, mas também pelo carinho e cuidado com os alunos, enfatizando tal aspecto com a adoção de Matilda pela professora.

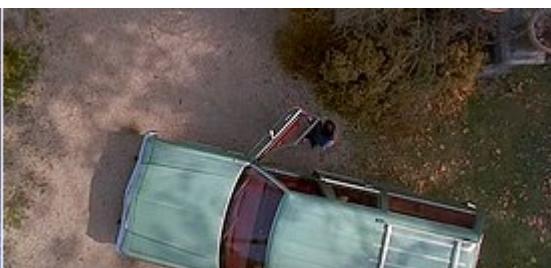
O filme deixa claro os estereótipos presentes na profissão professor, na idealização do comportamento que o docente deve ter, na espera de que esse docente seja sempre alguém pleno, feliz e imerso em sua atividade, mesmo com as dificuldades e desafios enfrentados ao longo da vida, e principalmente, que não deixe tais desafios e dificuldades atrapalhem seu trabalho e que jamais seja transparecido.

Cena 1 – Frames retirado do filme entre os minutos 22:51 até 23:09.

Imagen 2. Minuto 22:51



Imagen 3. Minuto 22:59



A cena é iniciada com Matilda em frente ao espelho, terminando de se arrumar e posteriormente pegando seu caderno, colocando-o junto ao corpo. A garotinha apresenta uma expressão animada e serena. Em seguida há um corte na cena e mostra Matilda já descendo do carro em frente à escola. A voz do narrador aparece nesse instante:

- Matilda sempre quis ir para a escola porque adorava aprender. Ela tentou imaginar como seria a escola. Tinha imaginado um lindo prédio cercado de árvores, flores e balanços ... Bom, havia um prédio, e crianças, por isso, apesar do que Crunchem Hall pudesse parecer,

¹⁴ Jennifer Honey, interpretada por Embeth Davidtz.

¹⁵ Ághata Trunchbull, interpretada por Pam Ferris.

ela estava feliz de estar lá. Afinal, qualquer escola é melhor que escola nenhuma. (Narrador)

Imagen 4. Minuto 23:04



Imagen 5. Minuto 23:09



Enquanto acontece a narração, a área externa da escola vai sendo mostrada, entretanto, é bem diferente do que Matilda havia idealizado. A entrada apresenta duas colunas grandes com um arco de ferro no topo, o arco está completamente enferrujado e carrega o nome da escola - Crunchem Hall. O prédio escolar é cinza, com aspecto abandonado, com trepadeiras secas e sem vida em suas paredes, dando um ar mórbido ao local. Porém, apesar do espaço físico ser desanimador, a cena mostra brincadeiras, conversas e risadas das crianças, o que mantém o ânimo de Matilda, visto que ali teria oportunidade de aprendizado e socialização.

Cena 2 - Frames retirado do filme entre os minutos 23:28 até 23:39.

Imagen 6. Minuto 23:28



Imagen 7. Minuto 23:39



A porta da frente da escola se abre e aparece a imagem das pernas de uma mulher saindo do interior da escola. A mulher para no topo da escada, enquanto os alunos percebem sua presença e se afastam assustados, com burburinhos de medo. A cena sofre um corte e em seguida aparece as mãos dessa pessoa, que naquele instante carrega uma palmatória e bate com esta na própria mão, num gesto claro de ameaça. Ela começa a caminhar em direção às crianças, descendo os degraus que dão acesso à escola; os alunos começam a correr enquanto a mulher caminha por entre as crianças enquanto bate com a palmatória nas próprias mãos.

Enquanto caminha, profere frases de reprovação para algumas crianças, escolhidas aleatoriamente com a função de assusta-las e amedrontar as demais.

- Você aí .. está sem recreio.

- Você é muito pequena. Cresça depressa.

- Cabeça direita, ombros para trás.

(Frases proferidas pela diretora)

Matilda observa a cena enquanto respira ofegante, claramente assustada pela movimentação dos alunos, que correm desesperados com medo daquela presença feminina. A mulher segue caminhando entre as crianças, amedrontando-as. Nesse momento, ainda respirando ofegante de susto, Matilda corre e se esconde em uma fresta entre dois pilares, um local menos visível.

No presente momento do filme, é possível observar que a cena, é claramente para mostrar o quanto aquela mulher é cruel e o quanto se diverte em assustar as crianças. O aspecto de abandono do espaço físico da escola juntamente com a presença carrasca reforça que aquele local tem tudo para ser um espaço ruim, de tortura para os estudantes.

Cena 3 – Frames retirado do filme entre os minutos 27:41 até 27:47.

Imagen 8. Minuto 27:41



Imagen 9. Minuto: 27:47



No pequeno esconderijo, Matilda conhece Lavender, uma garota aparentemente com a mesma idade. Lavender então, conta a Matilda que aquela mulher brava e amedrontadora é a diretora da escola, Agatha Trunchbull. Os burburinhos dos alunos assustados continuam se fazendo presente, enfatizando o clima tenso na cena. A diretora então grita para que os alunos entrem correndo, ameaçando-os. Matilda vira-se para Lavender e pergunta como é a

professora com quem terão aula e antes que Lavender pudesse responder, há a mudança de cena.

– Todos para a sala de aula, antes que eu os mande para o asfixiador.

– Corram, corram, corram.

– Mais rápido! Entrem. (Palavras gritadas pela diretora)

– Lavander, como é a professora? (Pergunta feita por Matilda para Lavander)

Cena 4 – Frames retirado do filme entre os minutos 28:08 até 28:26.

Imagen 10. Minuto 28:08



Imagen 11. Minuto 28:26.



Tal cena mostra uma sala de aula completamente diferente dos aspectos externos do prédio. A sala de aula é colorida, com desenhos na parede e no quadro, com cartazes informativos adequados para a idade das crianças, as carteiras estão dispostas em grupos de quatro alunos e a sala tem um ar acolhedor. Então, entra a voz do narrador:

- Mas a professora da Matilda, senhorita Honey era uma daquelas pessoas excepcionais que gostam de cada criancinha pelo que ela ou ele seja. (Narrador)

Uma das alunas entrega um ramalhete para a professora, que o recebe com um grande sorriso acolhedor. Após receber as pequenas flores enquanto estava abaixada na altura da aluna, senhorita Honey fica de pé e apresenta Matilda para a sala com a voz doce e serena.

- Atenção crianças, temos uma nova aluna conosco hoje. Esta é Matilda. Eu gostaria que sentasse aqui com a Lavender. E agora todos se lembrem como o primeiro dia de aula é assustador por isso sejam bem bonzinhos com a Matilda e a deixe bem à vontade. Tá bom?! (Senhorita Honey)

A cena continua com os alunos se acomodando nas carteiras e com a Senhorita Honey colocando as flores em um copo com água, continuando com o sorriso no rosto, então, o narrador continua:

- *A senhorita Honey era uma ótima professora e amiga de todo mundo, mas sua vida não era tão simples e bonita como parecia. A Senhorita Honey tinha um segredo bem sombrio e embora sofresse muito com isso não deixava que interferisse no seu trabalho.*
(Narrador)

A narração deixa bem claro que a senhorita Honey era uma pessoa excepcional, que acolhe o aluno da maneira que ele é, sem julgamentos e distinções, o que dá a ela um ar doce e gentil. Entretanto, também deixa claro na narração que ela escondia um segredo sombrio e sofria muito com tal fato, porém, não deixava que isso interferisse no seu trabalho. Ainda em tal momento do filme, não é esclarecido qual era esse segredo sombrio, porém há uma ênfase de que isso não interferia no trabalho da professora. Tal segredo é que o pai de Jennifer era irmão de Ágatha, a diretora, ou seja, Jennifer é sua sobrinha. O pai da professora já é falecido no filme e ao longo das cenas, é mostrado que Ágatha teve influência em sua morte para ficar com a herança que ele possuía.

A partir de tal narração, me pergunto como é possível que ela consiga separar as questões pessoais das questões profissionais, visto que ao sairmos para trabalhar, não podemos nos dividir em duas metades diferentes, uma para o pessoal e uma para o profissional. Somos *uno*, somos indissociáveis, para todo lugar levamos conosco todas as angústias, desejos, medos, receios, traumas, sonhos, etc, não há como deixar todos esses sentimentos guardados em uma caixinha em casa e seguir para o trabalho apenas com o lado profissional.

Padial (2010, p. 49) explicita que os filmes sobre escola se inclinam a ter um discurso motivacional acerca da profissão professor, mostrando profissionais com trajetórias bem-sucedidas, professores transformando a realidade de alunos rebeldes de maneira brilhante, professores sendo reconhecidos por diretores e gestores opressores e principalmente, sendo reconhecidos por pais relapsos. Tal imagem retratada nos filmes tendem a impactar a percepção de profissionais da educação sobre sua profissão, podendo inspirar os educadores a repensarem em suas práticas pedagógicas, porém, também abre brecha para colocar sobre tais profissionais uma pressão indevida, visto que apesar dos filmes

sobre escolas tentarem retratar de maneira próxima à realidade uma determinada situação, não mostra outros aspectos da vida do professor, principalmente seus desafios pessoais, que muitas vezes contrastam com os desafios profissionais. Eldeman, (1990) descreve em seu artigo sobre como os professores têm sido negativamente estereotipados no cinema, enxergando educadores idealizados em dois tipos de situações:

[...] histórias sentimentais sobre as carreiras dos professores/as devotado/as e determinado/as, anônimos seres humanos que através dos anos afetam as vidas de milhares de estudantes; e (filmes sobre) professores/as em difíceis escolas urbanas cujos colegas são cínicos, derrotados por uma burocracia educacional e pelas artimanhas de estudantes hostis, e que, não obstante, persistem, apesar da frustração e mágoa (ELDEMAN, 1990, p. 28).

No início da cena quatro, a senhorita Honey acolhe Matilda com um toque maternal, demonstrando zelo e carinho. Esse lado maternal vai sendo ainda mais explorado conforme o filme vai acontecendo, ligando-se ao fato de que Matilda é uma criança que nasceu em uma família negligente e encontra na professora o carinho e cuidado que não possui em casa. Dessa forma, o que o filme representa corrobora com a ideia de Louro (1997) de que “a representação dominante do professor homem foi – e provavelmente ainda seja – mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto a professora mulher se vincula mais ao cuidado e ao apoio ‘maternal’ à aprendizagem dos/das alunos/as” (p. 107).

Cena 5 – Frames retirado do filme entre os minutos 34:03 até 36:51.

Imagen 12. Minuto 34:03



Imagen 13. Minuto 36:51



A professora Honey vai até a casa da Matilda. A cena mostra os pais e irmão de Matilda assistindo um programa de luta na televisão, enquanto a garota está sentada em uma poltrona com alguns papéis no colo e um lápis na mão, concentrada nos estudos. Os pais estranham que tenha alguém batendo insistentemente na porta, visto que já anoiteceu. Resmungam e por fim, o pai abre a porta. Ao abrir, já recebe a moça com grosseria, mesmo sem saber quem ela é, entretanto, Honey se apresenta e diz que é professora de sua filha. Nesse instante, o comportamento do pai se torna ainda mais defensivo, mandando a filha ir para o quarto, já imaginando que ela causou problema na escola e enfatizando que “Seja o que

for, ela é problema seu agora”. Porém, a professora diz que não há problema algum, então, o pai a manda embora, alegando que ela está atrapalhando eles assistirem ao programa de tv.

Honey insiste em falar com a família, passando de uma expressão gentil e educada para uma feição brava. A professora indaga o pai com as seguintes palavras:

- *Senhor Wormwood, se acha que ver um programa de TV é mais importante que sua filha então não devia ter sido pai. Então, por que o senhor não desliga essa droga e me dá atenção? (Professora Honey)*

Apenas com essas palavras com um teor agressivo a senhorita Honey consegue o aval para conversar com os pais de Matilda. Mesmo após entrar na casa e tentar conversar, o casal não demonstra interesse nenhum, zombando das palavras da professora e a ignorando. Então, Jennifer percebe que é em vão toda aquela conversa e decide se retirar, entretanto, antes de sair, deixa em um móvel da casa um livro para Matilda, em mais um gesto de atenção e carinho. Esse comportamento da professora, mais uma vez, reforça a figura maternal representada por ela.

Tardif e Lessard (2005, p. 33) definem o trabalho docente como *emotional labor*¹⁶. De acordo com os autores, além do trabalho físico e mental, a docência exige um envolvimento afetivo intenso, além das emoções, afetividade e crenças, que fazem parte do processo de trabalho. Diante disso, os autores relacionam o trabalho docente com o trabalho doméstico tradicionalmente feminino, pois ambos possuem caráter cíclico e são considerados invisíveis socialmente, como por exemplo o trabalho das mulheres que são mães de família, pois esses trabalhos são esperados naturalmente e não possuem reconhecimento. Para que essas tarefas sejam naturalizadas, as meninas são estimuladas desde a infância, tendo o comportamento direcionado, como por exemplo o fato de brincar de boneca, que as incentiva ao cuidado, a empatia, o que está ligado diretamente à docência como *emotional labor*.

O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representado como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação à qual ocorreriam aquelas jovens que tivessem vocação (LOURO, 2001, p. 451).

¹⁶ Termo utilizado pelos autores no livro: O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.

Em na cena cinco, também me inquieto com o fato da professora tomar a liberdade de ir até a casa da aluna, sem avisar, quando já era noite, ou seja, fora de seu horário de trabalho, para argumentar sobre Matilda ser uma criança excepcionalmente inteligente e que o comportamento maduro da garotinha destoava das outras crianças. Isso me faz refletir a liberdade de contato com a família que o filme também traz, mostrando isso com uma naturalização excessiva, o que ocorre o contrário nas situações reais e nós professores somos orientados a não transpassar o contato com o aluno fora do ambiente escolar. Essa orientação acontece, porque os professores já possuem uma carga horária de trabalho excessiva, o que os impossibilitam de ter tempo para dar essa atenção diferenciada para todos os alunos, então, seria justo isso ocorrer apenas com um ou outro aluno como ocorre no caso da Matilda? Isso não seria um tipo de vantagem que um estudante teria com os demais? Além disso, até onde vai a linha tênue entre a relação professor-aluno?

A partir da situação ocorrida no ambiente familiar na casa de Matilda, a professora Honey se aproxima dela para além da escola e o filme continua enfatizando esse comportamento maternal da professora.

Cena 6 – Frames retirado do filme entre os minutos 45:41 até 47:31.

Imagen 14. Minuto 45:41



Imagen 15. Minuto 45:43



Imagen 16. Minuto 45:48



Imagen 17. Minuto 47:31



Em tal cena, a diretora chega na escola e encontra Matilda no caminho, a punindo sem justificativa plausível, se deixando levar por um problema pessoal e descontando na garota. Como punição, a diretora leva Matilda para um armário cheio de pregos e escuro,

trancando-a lá. Em seguida, ela segue até a sala da professora Honey, afim de assustar os demais alunos e ensinar a professora “como tratar as crianças”. Antes que a diretora chegue na sala, Jennifer mobiliza os alunos para esconder as atividades e objetos coloridos, para deixar a sala de aula arrumada do jeito que Agatha gosta, com aspecto cinza e sem vida.

Quando chega na sala, Agatha grita e apavora os alunos, enfatizando que é ela quem manda ali. A senhora Honey nesse momento, percebe que Matilda não está na sala e discretamente pergunta a colega da garota onde ela está, então, a colega sinaliza com um gesto de enforcamento para simbolizar o armário. Jennifer então, sai em busca de Matilda, a tira do armário e a abraça em um gesto de carinho e cuidado, para em seguida, leva-la para sala de aula.

Mais uma vez, a cena retrata o estereótipo maternal de Jennifer, que não mede esforços para cuidar das crianças, em especial de Matilda, que é a protagonista do filme. Tal cena mais uma vez me faz refletir sobre o estereótipo estampado no filme, mostrando que a professora é sempre vista como uma segunda mãe, sempre aberta para um cuidado maternal, além do cuidado de educadora.

TOMADA 2 – MEU FILME, MINHA PROFISSÃO.

Em minha trajetória de formação docente, os estereótipos ligados a profissão estiveram presentes todo o tempo e a percepção de tais padrões não ocorreu de uma hora para outra. Ainda na graduação, a idealização que eu tinha da profissão era de ser uma professora ideal, assim como eu vi no filme Matilda e em tantas outras produções televisivas ligadas ao ambiente durante toda minha vida. O desejo de ser uma docente que faria a diferença na vida do aluno, que seria um exemplo de superação perante qualquer desafio da profissão.

Entretanto, o que encontrei logo no início caminho foi completamente diferente do que eu idealizava. Em primeiro momento, trabalhar em uma escola particular na qual tinha apenas crianças com boas condições financeiras me fez bater de frente com o estereótipo de heroína que eu pensava que tinha que ter, afinal, que tipo de heroína salvaria crianças de um mundo aquisitivo perfeito? Ali as crianças tinham todos os materiais necessários para se trabalhar em sala de aula, todas as salas tinham os aparatos tecnológicos necessários para que os conteúdos fossem ministrados corretamente e todas as demais coisas que eram necessárias. Isso fez com que eu me frustrasse muito, pois percebia que ali eu não teria como mudar a realidade dos alunos, afinal, a realidade que eles possuíam era perfeita socialmente.

Porém, foi na escola particular que o estereótipo materno ficou mais aflorado em mim, pois apesar do poder aquisitivo que aquelas crianças possuíam por conta de suas famílias, era possível notar que a grande maioria delas não tinham atenção dos familiares, que viviam ocupados em viagens e trabalho. Por isso, as crianças exigiam muita atenção emocional, um cuidado realmente maternal afetivo, pois era ali que podiam conversar, contar sobre o dia, além de ganhar o carinho que necessitavam momentaneamente.

Apesar desse estereótipo maternal estar bastante presente na rotina, eu ainda não tinha consciência desse estereótipo, principalmente porque todas as professoras dessa escola tinham esse mesmo cuidado, além de que eu ainda não havia estudado as literaturas referente aos estereótipos acerca da profissão docente, por isso, para mim tal padrão era normal e continuou sendo normal após a mudança brusca de ambiente para uma escola da prefeitura em um bairro de classe baixa, no qual os alunos eram o oposto financeiramente dos estudantes anteriores.

Outro choque de realidade me bateu com essa troca de ambiente, pois agora eu enxergava possibilidade de mudar a vida dos alunos, de ser a heroína que eu idealizava, porém, ali eu sequer tinha recursos para dar uma boa aula e foi ali também que eu escutei os comentários mais desmotivadores com relação a profissão, causando um conflito interno em mim, pois eu não podia fugir daquela realidade pois precisava trabalhar mas ao mesmo tempo me sentia frustrada por não conseguir ser perfeita como profissional.

Além disso, o estereótipo maternal se tornou ainda mais presente, porque sendo professora naquele ambiente tão precário educacionalmente, eu lidava com crianças carentes emocionalmente de maneiras parecidas com a da escola particular, porém, ali eu me sentia ainda mais responsável para suprir a necessidade afetiva daqueles alunos e a frustração também se fazia presente pois além do profissional eu também tentava assumir um papel pessoal na vida dos estudantes tal qual a professora Honey, porém, diferente do filme, que é uma realidade fictícia, não obtive sucesso, afinal, não era apenas um aluno que exigia atenção afetiva, eram vários pois eu dava aula em quatro turmas com média de trinta alunos. Tudo isso gerou logo no início da minha profissão uma sobrecarga muito grande psicológica, pois eu tentava me desdobrar para alcançar o estereótipo em que eu estava imersa.

Foi a partir dessa sobrecarga psicológica que despertou em mim curiosidade para pesquisar sobre esses padrões, já que eu via que não era apenas eu enquanto professora que me sentia responsável por dar conta de tudo, diversas outras professoras que conviviam

comigo também sentiam tal pressão vindas de si mesmas. Diante dessas reflexões e também com a leitura do Livro Mulheres que Correm com os Lobos pude descobrir que crescemos cercadas de padrões socialmente impostos e a partir da leitura desse livro percebi que os estereótipos sociais nos eram enraizados, percebi que fui moldada com padrões sociais e que o estereótipo maternal de professora era um desses padrões.

Ao olharmos o ambiente escolar, percebemos uma quantidade muito maior de mulheres sendo professoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental do que homens e quando paramos para refletir sobre isso, podemos perceber que o estereótipo maternal se faz muito presente nesse sentido, pois socialmente, educar e ensinar crianças é visto como um dever feminino, como uma extensão da maternidade. Ideias de que a mulher tem um dom maternal ainda é fortemente vista na sociedade e com isso esse estereótipo maternal se torna mais forte na educação infantil, pois nessa faixa etária a criança necessita de atenção, cuidado, zelo, etc.

Jennifer Honey é a personificação ideal desse estereótipo maternal no filme, sendo o tempo inteiro enfatizado esse padrão de diversas maneiras diferentes, mostrando-a cuidando do cabelo dos alunos, indo até a casa Matilda fora do horário de trabalho diante da preocupação com a criação da garota, com o acolhimento carinhoso com as crianças e inúmeras outras situações mostradas no filme. Entretanto, são os últimos momentos que deixam ainda mais forte esse estereótipo maternal, pois no fim do filme, Honey adota Matilda, já que os pais da garota estão indo embora e ela pede para que a professora a adote e imediatamente a professora topa e os documentos são assinados. As últimas cenas do filme mostram diversos momentos das duas se divertindo juntas e o narrador enfatiza que a partir da adoção, Matilda encontra o que sempre sonhou: Uma família.

Muitas vezes, os alunos, principalmente da educação infantil ficam na creche o dia todo e os professores ali passam a fazer um papel familiar, dando carinho, atenção, cuidado e afeto, porém, reconhecer e identificar esse estereótipo maternal pode diminuir a sobrecarga psíquica e emocional que, as professoras encontram ao longo da profissão, podendo torná-la mais leve e prazerosa, pois o peso da perfeição tende a diminuir e a pressão também.

THE END

Diante dos afetos pessoais com relação a profissão docente e os estereótipos que a cercam, objetivei, a partir da análise fílmica e da leitura dos materiais acerca do tema, analisar

quais aspectos estão relacionados aos estereótipos docentes mostrados no filme Matilda. Assim, foi possível identificar dois estereótipos mais marcantes: Maternal e Heroico.

Para mim, conhecer o estereótipo maternal e conseguir torná-lo consciente foi de suma importância para que a carga de cobrança profissional, psicológica e emocional diante da profissão diminuisse e passasse a ser saudável, passando a ter um equilíbrio entre o lado pessoal e o lado profissional.

Me desprender das amarras das idealizações de ser uma professora perfeita e que iria mudar a vida de todos os alunos, assim como eu via no filme Matilda, foi um ato de resistência diante da profissão e de mim mesma, pois consegui a quebra de um padrão social historicamente imposto não apenas a mim, mas a dezenas de mulheres diariamente. Resistir e coexistir enquanto mulher, professora e pessoa é um desafio diário que sigo tentando vencer e mergulhando cada vez mais em realizações em meio as dores e as delícias que é ser professora da educação básica e perceber que posso ter defeitos, frustrações e medos sem julgar a mim mesma por não estar atingindo a perfeição.

CRÉDITOS

ALVES, G. **Tela crítica – a metodologia**. Londrina: Práxis, 2010.

ALVES, R. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2005.

ARROYO, M G . **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BAPTISTA, M. M. Estereotipia e Representação Social – uma abordagem psico-sociológica. In BARKER, A. (ed.), **A Persistência dos Estereótipos**, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp.103-116.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C.. Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, [s.l.], v.11, n. 128, jan. 2012.

DALTON, M. The Hollywood curriculum: who is the ‘good’ teacher? In: **Curriculum Studies**, v.3, n.1, 2004. <https://doi.org/10.1080/0965975950030102>

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FABRIS, E. T. H. **Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola**. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.

FANTIN, M. **Criança, Cinema e Educação: além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2011.

- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FRANCO, D. S. *et al*; Articulação entre aprendizagem baseada em problemas e análise filmica: uma proposta de ensino a partir do filme a fábrica de sonhos. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**; v. 7, n. 2, p. 398-424, out. 2020. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n2.385>
- ISBOLI, G. H. P.; PÉPECE, O. M. C.; GAIOTTO, S. A. V. Films as Object of Studies for Research in Applied Social Sciences. **Reuna**, v. 22, n. 3, p. 60-73, 2017. <https://doi.org/10.21714/2179-8834/2017v22n3p60-73>
- JESUS, É. T. de. **O nordeste na mídia e os estereótipos lingüísticos:** estudo do imperativo na novela Senhora do Destino. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Liguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- LEITE, F. Comunicação e Cognição: os efeitos da propaganda contra intuitiva no deslocamento de crenças e estereótipos. **Revista Ciência & Cognição**, v. 13, p. 131-141, jun. 2008.
- LOURENÇO, K. G. **O Cinema de Kiarostami e o devir biologia.** 2018. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pósestruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** São paulo: Contexto, 2001.
- MATILDA. Diretor: DEVITO, Danny. Estados Unidos: **TriStar Pictures**, 1996. DVD, 1h 38min, sonoro, color, dublado.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais.** 1.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MORENO, J.; BASTOS, L. O estereótipo do bibliotecário no cinema. In: **Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação**, p. 15, 2012. Anais, Alagoas: UFAL, 2012.
- MORIN, E. **O Método 3 – O conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 2008.
- OLIVEIRA, A. B. de. Uso de fontes filmicas em pesquisas sócio históricas da área da saúde. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n.4, e0320017, 2017. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000320017>
- PADIAL, M. N. **O professor e sua figura no cinema:** uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação: história, política e sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- PAIVA JÚNIOR, F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2011v13n31p190>
- PENAFRIA M. Análise de filmes - conceitos e metodologias. In: **Anais do VI Congresso SOPCOM**, 2009 Apr; Lisboa (PT): SOPCOM; 2009.

- PEREIRA, M. E.. **Psicologia social dos estereótipos.** São Paulo: E.P.U., 2002.
- RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual; tradução de Lílian do Valle** – 3. ed. 4. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- RIBEIRO, B. C. A perversidade da gestão e barbárie social: o cinema como recurso de análise crítico-sociológico. In: **Seminário de Saúde do Trabalhador**, 8., França, 2012.
- ROCHO, R. **O estereótipo do bibliotecário no cinema.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.24-78, 2007.
- SILVA, T. T. da S. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3ed.; 6.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- TURNER, G. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus, 1997.
- VANOYE, F.; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a Análise Fílmica.** Campinas: Papirus, 1994.
-
- _____. **Ensaio sobre a Análise Fílmica.** Tradução: Marina Appenzeller. 4^a ed. Campinas: Papirus, 2006.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- WOOD JR., T. Nota Técnica: a perspectiva estética contra o império da razão. In: CALDAS, Miguel Pinto et al. (Org.). **Handbook de Estudos Organizacionais.** 1. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2001, p. 150-156. V. 2.